

PRÁTICAS DECOLONIAIS NA ESCOLA: MEMÓRIA E IDENTIDADE

DECOLONIAL PRACTICES IN THE SCHOOL: MEMORY AND IDENTITY

Maria Luiza Ramos Tonussi – PROFARTES/UNESP

Resumo

O presente Relato de Experiência apresenta uma reflexão que tem como base três temáticas: a decolonialidade, a memória e a identidade. Nele, é proposto que, através da arte/educação e das práticas decoloniais em sala de aula, é possível desenvolver o sentimento de pertencimento e identidade aos educandos, de maneira a resistir aos currículos hegemônicos na Educação Básica. Os projetos, aqui apresentados, foram elaborados com a temática dos povos originários brasileiros e desenvolvidos, sob o viés da memória e identidade locais, com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública Municipal da cidade de Sorocaba/SP.

Palavras-chave: Memória; Arte/educação; Decolonialidade; Identidade.

Abstract

This experience report presents a reflection based on three themes: decoloniality, memory, and identity. Through the intersection of art/education and decolonial practice in the classroom, it becomes possible to cultivate a sense of belonging and identity to counteract a hegemonic curriculum within basic education. The projects showcased here were developed around the theme of Brazilian indigenous peoples within a local context, involving students from an elementary school in a municipal setting in Sorocaba, São Paulo.

Keywords: Memory; Art/education; Decoloniality; identity

Relato de experiência arte educativa

A experiência, segundo o autor espanhol Jorge Larrosa, é “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p.21). Nesta afirmativa, o autor nos leva a refletir sobre a relação entre indivíduos e o mundo, sendo isso aquilo que “nos toca”. Cabe então, à escola, como parte da vida e do mundo, ou seja, parte daquilo que “nos toca”, uma das responsáveis por possibilitar experiências.

Além da escola, a arte/educação também contribui para tornar possíveis tais experiências, uma vez que ela também é capaz de criar o sentimento de pertencimento individual e coletivo:

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se podia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, procriando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (BARBOSA, 2010, p.34)

Posto isto, o presente relato de experiência visa a apresentar possibilidades de experiência na educação básica, na disciplina de arte, através de uma perspectiva decolonial, isto é, fora do olhar eurocêntrico proposto na maioria dos currículos.

Todos os caminhos aqui descritos ocorreram entre 2022 e 2023, com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal na cidade de Sorocaba/SP. Parte das propostas relatadas foram idealizadas e experimentadas no retorno pós-pandemia dos estudantes. De maneira geral, era notável perceber que estes se encontravam dispersos, ansiosos, agitados e não sentiam-se pertencentes ao espaço escolar. Partindo disso, e tendo a memória como objeto de estudo desde a graduação, tentou-se compreender qual o papel da identidade e do resgate de memórias dentro da sala de aula, mais especificamente, dentro da arte na escola. Foi neste período que o corpo docente da Escola Leonor Pinto Thomaz criou o projeto interdisciplinar “Convivência”, o qual buscou resgatar, diariamente, o protagonismo estudantil com práticas pedagógicas diferenciadas e estreitando, com isso, os laços entre os educandos e a escola.

Dentro do projeto “Convivência” e da disciplina de Arte, ministrada na Escola Leonor, foram realizados alguns projetos e práticas educacionais consideradas relevantes. Dentre esses, busca-se destacar aqui alguns deles que serão descritos logo abaixo, em ordem cronológica.

O projeto intitulado “Dia das Culturas Indígenas” ocorreu no mês de abril de 2022. Nele, os estudantes puderam conhecer melhor as diversas culturas da matriz indígena brasileira, em especial dos povos Kadiwéu, Munduruku e Karajá, com estudos nas disciplinas de Arte, Língua Portuguesa e História. Com isso, o projeto pode introduzir na escola uma das narrativas silenciadas na cidade que, apesar de carregar em seu nome as raízes dos povos originários¹, não apresenta projetos educacionais, em sua rede de ensino, que abordem temas sobre as histórias e culturas indígenas.

Neste projeto foi proposto aos estudantes a realização de produções artísticas indígenas. Aos alunos do 6º ano, por exemplo, foi sugerida a produção da arte da cestaria; já aos do 7º ano, tapeçaria; aos do 8º ano, a produção de grafismos indígenas em tecido de diferentes povos brasileiros; por fim, aos do 9º ano, a produção de arte cerâmica. Além disso, de maneira coletiva, criou-se uma instalação no vão de salas da escola, que foi inspirada na lenda indígena da vitória-régia.

Fig 1 – Instalação “Dia das culturas indígenas”, 2022.

¹ A palavra “Sorocaba” tem origem em um vocábulo do Tupi-Guarani, que significa “terra rasgada”.



Fonte: da autora.

Além disso, esse projeto buscou desmistificar a figura do indígena que, na maioria das escolas, é permeada por estereótipos. Um exemplo disso é o famoso “Dia do Índio”, que é sempre “comemorado” como uma data folclórica, na qual a cultura indígena é resumida a rostos pintados com tinta guache e cocares de papel. Diferentemente disso, o “Dia das culturas indígenas” da Escola Leonor trouxe aos alunos um lugar de reflexão e debate sobre a luta indígena no território brasileiro. Como culminância desse projeto, foi realizada, junto com os estudantes, uma exposição com as peças produzidas por eles mesmos e também foi organizada uma roda de conversa com Kuhupi Waura, acadêmico de Geografia, do Núcleo Indígena da UFSCar - Campus Sorocaba e pertencente ao povo Waujá. Na roda, os alunos puderam conhecer mais sobre seu povo e sua cultura.

Fig 2 – Peças de cerâmica produzidas pelos estudantes do 9º ano para a exposição do “Dia das Culturas Indígenas”, 2022.



Fonte: da autora.

Em 2023, o projeto “Convivência” foi retomado com algumas reformulações e ganhou mais força, uma vez que, além de envolver mais professores da unidade escolar, ele passou a incorporar as chamadas “atividades temáticas” mensais, tal como em uma gincana. Uma dessas atividades foi a elaboração de danças para serem apresentadas na festa julina da escola pelos estudantes, com o auxílio dos professores,, as quais deveriam ter as “Raízes do Brasil” como tema, o qual foi idealizado pela arte-educadora proponente. As turmas foram divididas em três grandes equipes, cada qual orientada por um grupo de professores. As equipes foram encarregadas de criar uma coreografia com as seguintes temáticas: cultura portuguesa, cultura africana e cultura indígena. Todas as equipes desenvolveram excelentes processos educativos interdisciplinarmente, no entanto, o presente relato busca retratar o grupo que representou a cultura indígena, pelo fato da participação da arte-educadora proponente.

O trabalho foi intenso, com estudo da história e cultura indígena. Após um aprofundamento em alguns povos originários brasileiros, foi criado um roteiro de dança que representasse a lenda afro-indígena do Maculelê, que origina um estilo de dança que leva o mesmo nome.

A partir deste momento, em um grande trabalho coletivo, passou-se ao estágio de ensaiar e criar toda a estrutura para a apresentação: figurinos, cenários, roteiro e mixagem de som. O protagonismo estudantil foi a peça chave nesse processo que, embora tivesse os professores como mediadores, os

alunos ficaram responsáveis por produzir tudo o que fosse necessário com as suas próprias mãos. Foram quase dois meses de produção intensa.

Fig 3 – Produções para a apresentação da dança representando a lenda afro-indígena do Maculelê, 2023.



Fonte: da autora.

Nesse período, o envolvimento da comunidade escolar foi essencial e os alunos puderam mergulhar de cabeça no assunto. Nesse processo, houve diversos relatos de alunos que, ao conversarem com suas famílias, haviam descoberto suas raízes ancestrais indígenas. Isso engrandeceu o projeto e tornou o trabalho ainda mais significativo, unindo a escola e a comunidade.

Fig 4 – Apresentação da dança representando a lenda afro-indígena do Maculelê, 2023.



Fonte: da autora.

Considerações finais

Segundo Bosi (1994) é através da memória que o passado sobrevive. Desta maneira, acredita-se firmemente que a Arte desempenha um papel crucial ao despertar o senso de pertencimento dos estudantes. Essa tarefa, se associada ao exercício do resgate de memórias, pode ser potencializada e gerar em indivíduos o sentido de transformação coletiva. Isso estimula o sentimento de esperança em um ensino de Arte no Brasil que reconhece e incorpora em seus repertórios as narrativas locais, valorizando o que é produzido e pertence ao povo brasileiro.

Neste sentido, este Relato de Experiência, possui como objetivo compartilhar processos de ensino nos quais a decolonialidade é a base, de maneira a promover discussões acerca de temáticas tão caras e que, muitas vezes, são silenciadas pelo currículo hegemônico. Portanto, é preciso, primeiramente, reconhecer tais circunstâncias e de quais formas a arte/educação se encontra no Brasil, para, assim, depois de (re)conhecer-se, trazer à tona novas possibilidades de ensino, buscando valorizar as memórias e identidades brasileiras e locais sempre que possível.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. – São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** – 3. Ed– São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LARROSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.